

## A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO THE RELATIONSHIP BETWEEN FAMILY AND SCHOOL IN THE LITERACY PROCESS

ISSN: 2674-662X. DOI: 10.29327/2334916.19.2-66

Rosiene Sousa de Oliveira <sup>1</sup>

### RESUMO

O objetivo do presente estudo consiste em identificar a dificuldade entre família e escola no processo de alfabetização dos educandos. A metodologia utilizada no presente trabalho para se alcançar o objetivo pretendido é bibliográfica com base em literaturas específicas sobre o tema. Os resultados alcançados mostraram que a família, considerada como primeiro núcleo de socialização da criança, precisa se auto incluir na escola, para que esta possa oferecer um espaço de acolhimento para que a troca de conhecimentos seja concretizada, para cumprirem seus respectivos propósitos na aprendizagem significativa em um dos processos de grande relevância para a sua vivência escolar, a alfabetização. Por fim, conclui-se que a família é um elemento de grande importância e que não pode caminhar separada da vida escolar da criança, sendo responsabilidade desta instituição de ensino atuar nos cuidados com os filhos referentes à saúde, à alimentação, à higiene e, especialmente, a educação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escola; Família; Alfabetização.

### ABSTRACT

The objective of this study is to identify the difficulties between family and school in the literacy process of students. The methodology used in this work to achieve the intended objective is bibliographic based on specific literature on the topic. The results achieved showed that the family, considered as the child's first nucleus of socialization, needs to include itself in the school, so that it can offer a welcoming space for the exchange of knowledge to be achieved, to fulfill their respective purposes in meaningful learning. in one of the processes of great relevance to their school experience, literacy. Finally, it is concluded that the family is an element of great importance and cannot be separated from the child's school life, and it is the responsibility of this educational institution to take care of children regarding health, food, hygiene and, especially education.

**KEYWORDS:** School; Family; Literacy.

---

<sup>1</sup>Mestra em Ciências da Educação pela ACU - Absoulute Christian University - ACU. E-MAIL: rosienessousa@hotmail.com

## INTRODUÇÃO

A razão da escolha do tema se dá pelo poder notório que a relação entre família e escolar pode proporcionar na vida do aluno, principalmente quando este está em processo de alfabetização, assim fica aberto a receber conhecimentos essenciais a sua formação.

Diante disso, a problemática desse estudo consiste em discutir a importância da família no contexto escolar é um aspecto que precisa de uma atenção especial, pois ainda há uma carência muito grande na relação escola-família precisando ser incentivada cada vez mais.

O objetivo do presente estudo consiste em identificar a dificuldade entre família e escola no processo de alfabetização dos educandos. E os específicos são: destacar a importância da relação família e escola para o processo de aprendizagem; incentivar a participação da família no contexto escolar; ressaltar os impactos da participação ativa da família no desenvolvimento da alfabetização, destacando estratégias eficazes de envolvimento familiar e seu papel na promoção do sucesso acadêmico das crianças.

A educação, ao socializar o homem, mostra a este que sozinho o ser humano não sobrevive, porque o ser humano só desenvolve potencialidades em contato, em diálogo com outras pessoas, com o meio social, e assim a geração adulta exerce uma ação sobre as gerações mais jovens, é essa função integradora que cabe à educação na sociedade.

A participação dos pais nas escolas não deve ser encarada como sendo debilidade, último recurso quando as coisas não andam bem (mau comportamento ou notas baixas), ou como necessária apenas nos eventos festivos promovidos pela escola.

É importante ressaltar que a escola e a família devem possuir ou criar um vínculo para promover e beneficiar filhos e alunos, isso é fato, mas infelizmente

não é sempre assim que acontece prejudicando muito as crianças.

Na metodologia é mostrada a organização da pesquisa com a descrição dos recursos utilizados, bem como os instrumentos para a coleta das informações e construção do trabalho. “A pesquisa é aquela que se efetiva tentando-se resolver um problema ou adquirir conhecimentos a partir do emprego predominante de informações provenientes de material gráfico, sonoro ou informatizados” (PRESTES, 2003, p. 30).

Para atingir ao objetivo de identificar a dificuldade entre família e escola no processo de alfabetização dos educandos, definiu-se uma pesquisa descritiva que, tem por características gerar novos conhecimentos, contribuindo com o avanço da ciência. Sendo assim, essa pesquisa descritiva ocorre porque consiste num meio utilizado para observar, registrar, classificar e analisar os dados coletados (MAIA, 2014).

Quanto aos procedimentos técnicos foi classificada como sendo uma pesquisa bibliográfica. A pesquisa bibliográfica trata-se do levantamento, seleção e documentação de toda bibliografia já publicada sobre o assunto que está sendo pesquisado, em livros, revistas, jornais, boletins, monografias, teses, dissertações, material cartográfico, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto (LAKATOS; MARCONI, 2009).

Segundo Gil (2010) a revisão de literatura se caracteriza por suprimir dúvidas a partir de pesquisas em documentos. Isso implica no esclarecimento das pressuposições teóricas que fundamentam a pesquisa e das contribuições proporcionadas por estudos já realizados com uma discussão crítica.

A pesquisa foi eminentemente qualitativa, que de acordo com Marconi; Lakatos (2009, p. 77), “os estudos descritivos têm como objetivo conhecer a natureza do fenômeno estudado, a forma como ele se constitui, as características e processos que dele fazem

parte”. O autor seguinte inclusive esclarece a importância das descrições na pesquisa.

As descrições dos fenômenos estão imbuídas de significados que o ambiente lhes concede, e como aquelas são fruto de uma visão subjetiva, recusa toda expressão quantitativa, numérica. Desta forma, a interpretação dos resultados aparece como a totalidade de uma especulação que tem como base a percepção de um fenômeno num contexto. Por isso, não é vazia, mas coesa, conexa e consistente (YIN, 2001).

Por fim, a pesquisa foi realizada em sites via internet, a base dos dados foi feita por buscas nas plataformas digitais Scielo e Google Acadêmico. A delimitação temporal de 2000 a 2022. O assunto foi pesquisado em livros, revistas científicas e artigos em plataformas digitais fazendo uso dos critérios de inclusão que foram: estudos que tratem da temática; publicados em português e que estejam disponíveis na íntegra para consulta. Os critérios de exclusão foram: estudos que não tenham relação com a temática, não foram publicados em português e não estão disponíveis na íntegra para consulta.

## DESENVOLVIMENTO TEÓRICO

O nascimento de uma criança é algo perfeito, e é a partir daí que ela é inserida na família, independente da situação que está se encontra. A família passa a ser seu porto seguro e a grande responsável pelos seus cuidados, físicos, emocionais, moral e principalmente perante a sociedade. E o contato com outras crianças é de extrema importância para que ela desenvolva algumas de suas habilidades, sendo elas, a construção de um sistema cognitivo, afetivo, entre vários outros (BERGER; LUCKMANN, 2009).

O ambiente da família é importante, pois é o ponto de partida para a construção de um lar adequado para a criança. O lugar onde a criança cresce e desenvolve suas ações e expressa seus sentimentos é basicamente tudo para a criança. Os pais ensinam a

recompensar e também a punir seus filhos e a criança começa a traduzir seu modelo de comportamento. Esse modelo se instala dentro da criança e ela aplica dentro da sociedade. É a partir disso que a criança cria sua personalidade.

[...] Todo o seu progresso psicológico foi realizado, até então, através das relações com outrem, principalmente os pais. De começo, a criança fundiu-se com as pessoas que a rodeiam, identificou-se com elas, foi invadida pela sua presença [...]. (MÉDICI, 1961, p. 40).

Não é de agora que relatamos a importância da família em todos os aspectos, e na representação do mundo exterior não é diferente, o núcleo familiar é quem abre as portas para a inserção do sujeito no mundo, principalmente para enfrentar as dificuldades e mudanças que ocorrem diariamente.

Somente o fato de a criança pertencer a um determinado grupo familiar já lhe proporciona algumas noções de poder e autoridade que podem ajudar a desenvolver novas habilidades, como por exemplo, falar, saber diferenciar o certo do errado, organizar melhor seus pensamentos e com tudo isso a criança aprender até mesmo a negociar algumas coisas e ser flexíveis em outras, tudo parte das normas estabelecidas na família (MARQUES, 2003).

O mais comum, é citar um exemplo que pode ser notado diariamente na rotina da criança, o relacionamento entre pais e irmãos, é nesse momento que a criança desenvolve técnicas de negociação, competição, amizades, prestígios e infelizmente aprende a conviver com alguns fracassos que não podem ser impedidos pelas famílias.

As experiências vividas no lar, independente de boas ou ruins, fazem parte e ajudam no comportamento da criança, pois desde então aprendem a ter certa vivência de algumas coisas, servindo para as

crianças quando alunos e auxiliando no convívio com os seus companheiros de sala (OLIVEIRA, 2016).

A troca de carinho entre a família é de extrema importância, podendo ser transmitidos dentro do lar e retransmitidos para fora dele, a criança acaba se tornando mais capaz de aprender e desenvolver suas habilidades (BERGER; LUCKMANN, 2009).

A grande maioria dos especialistas nesse assunto acredita e confirma que o afeto encontrado no seio da família pode ser entendido de forma mais profunda e interessante, ou seja, acredita-se que é como a energia necessária para que a estrutura cognitiva se desenvolva mais rapidamente e de maneira mais eficiente, isso influencia e ajuda na velocidade com que se constrói o conhecimento. Dessa forma a criança se sente mais segura, aprende e se desenvolve com mais facilidade e de maneira mais feliz (MARQUES, 2003).

Todos sabem que o carinho e afeto são pontos positivos e fazem parte da motivação da aprendizagem. A criança procura sempre recompensas e precisa de aprovação e o amor dos outros a sua volta, e isso para elas é bastante significativo, a criança é motivada a pensar e a comportarem-se como os adultos desejam, e muitas acabam tendo como base de comportamento o dos próprios adultos.

O professor tem um dos papéis mais importantes do processo de aprendizagem, pois este sabe identificar os diferentes momentos existentes nesse processo e diagnosticar quando cada um deve ser aplicado. A figura do professor às vezes é confundida, mas sabe-se que ele age como um mediador entre aluno e conhecimento, ele mostra quais caminhos seguir, mas os alunos é que devem trilhar esse caminho e serem mais desafiadores no futuro (ALVES, 2008).

Diante disso, as situações encontradas em sala de aula, tornam-se muitas vezes desconhecidas, devido a suas mudanças, os alunos por sua vez apresentam também novos sentimentos. Daí surge mais um ponto a ser levantado, o professor como motivador do processo ensino aprendizagem, encorajando os alunos a sempre

querer mais e a participar das atividades desenvolvidas pelas escolas, provocando um processo de interação mais forte (HEIDRICH, 2009).

Os alunos sempre que puderem, por exemplo, atravessem aquele mundo de ter o professor como o homem mais sábio do mundo, ficando restrito a expressar seus sentimentos, dúvidas e críticas.

Marini (2007) afirma que a participação dos pais nas escolas não deve ser encarada como sendo debilidade, último recurso quando as coisas não andam bem (mau comportamento ou notas baixas), ou como necessária apenas nos eventos festivos promovidos pela escola.

É importante ressaltar que a escola e a família devem possuir ou criar um vínculo para promover e beneficiar filhos e alunos, isso é fato, mas infelizmente não é sempre assim que acontece prejudicando muito as crianças.

Podemos observar que a escola tem razão em muitas coisas, no que diz respeito à falta de apoio e participação da família num processo tão sério que é a educação de seus filhos, ou seja, muitos não têm limites, já outros os pais não demonstram pulso, ficando assim difícil a concretização dessa parceria, pois principalmente os valores éticos e morais não têm acompanhado os filhos durante a educação em casa. Por outro lado, devemos observar também o lado família, muitas escolas já cobram de maneira abusiva as responsabilidades e cobranças que elas devem ter com seus filhos, a falta de um currículo mais voltado para a educação que prepare o aluno não somente para atividades dentro de sala de aula, mas para desafio extraclasse, buscando uma proximidade maior com o mundo do trabalho (ALVES, 2008).

Sempre há uma cobrança de ambas as partes, mas o que realmente pode ligar e principalmente fortalecer o vínculo da família com a escola é, que se percebam quais são as funções e as responsabilidades de cada uma, pois somente dessa forma acaba aquele empurra-empurra de responsabilidades. Isso impede

que o aluno saia prejudicado, quando na realidade, o aluno é o centro do processo e ele é o mais importante de todo esse jogo.

O que ocorre é que torna-se difícil caracterizar os papéis dessas instituições. As funções da família e da escola encontram-se muito difusas numa sociedade tão complexa como a atual. Há uma confusão de papéis, sendo que tanto os pais quanto os professores sentem dificuldades em definir suas funções. (VALADÃO; SANTOS, 1997, p. 47).

Apesar de tudo, podemos sim, esperar que tanto filhos quanto alunos sejam vistos como cidadãos, pois não é somente papel da escola, ou somente da família ou muito menos da sociedade. A tarefa a ser conquistada é de todos, muitos pensam que compete apenas ao professor, e não é nada disso, até porque não é somente na escola que o aluno aprende coisas, a família, amigos, pessoas próximas, mídia, enfim, do cotidiano em geral, todos tem algo a ensinar (HEIDRICH, 2009).

Família e escola precisam somente podem andar e desenvolver juntas, criando uma força de trabalho para superarem quaisquer obstáculos, mesmo que às vezes possam parecer intransponíveis. Mas essa combinação deve procurar construir uma identidade própria e coletiva.

De acordo com significado da palavra, participação que tem origem no latim "participatio" que constitui ser membro da ação. Para ter parte na ação é imprescindível ter ingresso ao atuar e às deliberações que o norteiam.

De acordo com Bastos (2002, p.14) "[...] executar uma ação não significa ter parte, ou seja, responsabilidade sobre a ação, e só será sujeito da ação quem puder decidir sobre ela".

A participação tem como característica fundamental a força de atuação

consciente, pela quais os membros de uma unidade social reconhecem e assumem seu poder de exercer influência na determinação da dinâmica, da cultura da integração social, que partir-se da capacidade e anseio de compreender, deliberar e agir em conjunto (FREIRE, 1996, p. 29).

A escola necessita dessa reflexão sobre sua intencionalidade educativa, buscando sua autonomia e qualidade pela integração de todos os setores da atividade humana social, em um processo global, para a solução de problemas comuns.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em seu Artigo 12 prevê que os estabelecimentos de ensino terão a incumbência de elaborar e executar sua proposta pedagógica; administrar seu pessoal e seus recursos materiais e financeiros; assegurar o cumprimento dos dias letivos e horas-aula estabelecidas; articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola. Em seu Artigo 13, prevê que os docentes incumbir-se-ão de participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino.

No sentido democrático, deve-se pensar na escola como núcleo de debates e de aperfeiçoamento contínuo de seu Plano Escolar, destacando a necessidade de práticas, tanto no plano administrativo, quanto no plano pedagógico, potencializando a autonomia da escola.

A participação na solução de problemas e na tomada de decisões incentiva a equipe escolar, os professores, assim como os pais e alunos, a sentirem-se mais responsáveis pelos acontecimentos comuns à escola, auxiliando-os a agir com coerência na resolução de questões características do ambiente escolar.

Por mais iluminada que seja a tomada de decisão individual, se não for socializada, ela corre o risco de morrer com quem a descobriu ou ter dificuldade de ser implementada na prática. A imposição das

descobertas pessoais dificilmente compromete o coletivo com sua execução e com seus resultados. (RAMALHO, 2000, p. 23).

A autonomia da escola pública não é absoluta, pois fixa as regras de seu próprio existir sem esquecer que está a serviço da sociedade que possui limites e potencialidades próprias. A mesma constitui-se em exercitar a democracia num espaço público, em que a escola tem a responsabilidade de prestar contas de tudo que faz e também do que deixa de fazer, permitindo sempre a participação de pais, alunos e professores em suas mais particulares decisões (HEIDRICH, 2009).

Observa-se que para que se tenha maior autonomia na unidade escolar, é necessária a descentralização administrativa e financeira, norteando as mudanças propugnadas para a organização e administração dos sistemas de ensino, com maior participação dos sujeitos envolvidos no processo educacional para tomada de decisões.

A descentralização do sistema de ensino, no contexto da democratização, leva a uma reestruturação dos ambientes que operam as imputações das distintas instâncias decisórias que são do Governo, as Secretarias, a Diretoria Regional de Ensino-DRE.

Segundo Teixeira (2001, p. 36), a autonomia de uma instituição significa ter poderes de decisão sobre seus objetivos e suas formas de organização. Assim, as escolas podem traçar seu próprio caminho envolvendo professores, alunos, funcionários, pais e comunidade, tornando-se corresponsáveis pelo sucesso da instituição. “É assim que a organização da escola se transforma em instância educadora, espaço de trabalho coletivo e aprendizagem”. É necessário frisar que tal fato estará presumível pela abrangência da concepção crítico-reflexivo como pressuposto da autonomia a ser edificada em conjunto e proferida com o universo mais amplo da escola.

Assim a liberdade não deixa de ser liberdade pelas relações interpessoais e sociais que a limitam, a autonomia por considerar a existência e a importância das diretrizes básicas de um sistema nacional de educação. A democracia sustenta-se em princípios de justiça, igualdade, participação, e autonomia (SAVIANI, 1999, p. 99).

O professor, a partir dessa prática autônoma na construção do Plano Escolar, tornar-se-á um agente educacional crítico e reflexivo, constituindo-se no âmbito de suas relações sociais, éticas, políticas e escolares. É necessário não perder de vista que tal construção se constitui da subjetividade dos agentes educacionais, uma vez que todos os segmentos da escola constroem e reconstróem relações em suas práticas cotidianas.

Os agentes educacionais são afrontados firmemente pelo ignorado, e a reestruturação de suas práticas pedagógicas torna-se uma questão de conseguir sobrevivência no cotidiano escolar. Porém, essa renovação é complexa, ambígua e conflituosa, primeiras porque perpassa todos os aspectos da prática pedagógica; segundo o que se determina na abertura dos envolvidos nos processos da vontade política de mudar; e terceiro, porque para que os elementos consolidem as ambições, precisam encontrar-se de acordo com o contexto histórico concreto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O carinho que a criança adquire no seu lar, é trabalhado pela família e a escola age apenas como parte complementar. Os valores morais e os princípios éticos são de inteira responsabilidade da família. A instituição conhecida como escola é que tem função de educar para a cidadania, aprimorar e desenvolver a maneira da criança viver em sociedade, e também aprender que nem todas as pessoas são iguais, lidando com as diferenças. O papel dos professores é adotar e

alterar a visão das crianças com relação à escola, que elas voltem a ter o prazer e a felicidade de estudar e a cada dia lutar por um futuro melhor e mais digno.

A função da escola é ceder um espaço confiável para as crianças e que elas se sintam a vontade e protegidas naquele lugar e sempre em busca de um desenvolvimento conjunto. Nas instituições de ensino as crianças devem aprender a enfrentar desafios, passando pelas tarefas didáticas individuais e em grupos, a monitoração e acompanhamento dos professores e isso é considerado tudo parte de um cronograma.

Um item que deve ser levado em consideração são as relações interpessoais, consistentes e precisas para melhorar o desenvolvimento das crianças, servindo mais ainda na sua adaptação com outras pessoas e com o espaço oferecido.

Os resultados alcançados mostraram que a família, considerada como primeiro núcleo de socialização da criança, precisa se auto incluir na escola, para que esta possa oferecer um espaço de acolhimento para que a troca de conhecimentos seja concretizada, para cumprirem seus respectivos propósitos na aprendizagem significativa em um dos processos de grande relevância para a sua vivência escolar, a alfabetização.

Por fim, conclui-se que a família é um elemento de grande importância e que não pode caminhar separada da vida escolar da criança, sendo responsabilidade desta instituição de ensino atuar nos cuidados com os filhos referentes à saúde, à alimentação, à higiene e, especialmente, a educação.

## BIBLIOGRAFIA

ALVES, Ricardo de Andrade. Interação família e escola. Monografia (Licenciatura em Ciências Biológicas) Faculdades de Ciências Aplicadas "Sagrado Coração". Araçá: Linhares, 2008.

BASTOS J. Baptista (Org.) – Gestão Democrática – 3ª Edição, Coleção o Sentido da Escola, Rio de Janeiro – Brasil. Editora DP&A – 2002.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. A Construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento. 30. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 12ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HEIDRICH, Gustavo. A escola da família: 13 ações eficientes para que essa parceria ajude na aprendizagem dos alunos. Revista Nova Escola. São Paulo: Abril Editora. Ano 1, n. 3, pp. 24-31, ago./set. 2009.

MAIA, Alvaro Augusto. Metodologia científica: pensar, fazer e apresentar cientificamente. 3 ed. Imperatriz: Ética, 2014.

MARCONI, Marina de Andrade & LAKATOS, Eva Maria. Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório publicações e trabalhos científicos. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MARINI, F. 2007. Comunidades de Aprendizagem: uma única experiência em dois países (Brasil e Espanha) em favor da participação da comunidade na escola e da melhoria da qualidade do ensino. São Carlos, SP. Tese de doutorado. Universidade Federal de São Carlos, 236 p.

MARQUES, Wagner Luiz. A vida humana contada através de seu Alicerce principal "a Família". 1ª Edição. Paraná. 2003.

OLIVEIRA, Carina Manuela da Rocha de. A criança e a família no processo de socialização. Publicado em 30 de May de 2016.

PRESTES, Maria Luci de Mesquita. A pesquisa e a construção do conhecimento científico: do planejamento aos textos, da escola à academia. 2. ed. rev. atual. ampl. São Paulo: Rêspel, 2003. 256 p.

RAMALHO, Priscila. Os frutos da boa gestão. Revista Nova Escola. Nov. de 2000.

SAVIANI, Demerval. Escola e democracia. 32ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.

TEIXEIRA, E. C. O Local e o global: limites e desafios da participação cidadã. São Paulo: Cortez; EQUIP; UFBA, 2001.

VALADÃO, Cláudia Regina, e SANTOS, Regima de Fátima Mendes (1997): Família e escola: visitando seus discursos. (Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a UNESP-Franca).

YIN, Robert K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.